

PÁTIO, ESCADAS, PLAY-GROUND: SALTANDO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Bruno Sales

Discente curso Licenciatura. Educação Física ISEAT

Maria de Lourdes Castro

Discente curso Licenciatura. Educação. Física ISEAT

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência de vivência do salto nas aulas de educação física numa escola em Contagem (MG). Os elementos teóricos orientadores foram aqueles apresentados por Kunz (1991 e 2001). Buscamos desenvolver uma prática com saltos (atletismo) a partir da identificação, da compreensão e (re)criação dos sentidos e significados no se movimentar dos alunos.

ABSTRACT

This paper aims at presenting a report of jump teaching experiences in physical education classes in a school in Contagem city in Minas Gerais state. We employed the theoretical elements presented by Kunz (1991 and 2001). We attempted to develop a practice of jump focussing on the identification, the understanding and the recreation of both senses and significations of the moviments performed by the students.

RESUMEN

En este trabajo se presenta un relato de experiencia de vivencia del salto en las clases de educación física dentro de una escuela de Contagem (MG). Los elementos de orientación teórica fueron aquellos apuntados por Kunz (1991 y 2001). Buscamos por el desarrollo de una práctica con saltos (atletismo) a partir de la identificación, la comprensión y (re)creación de los sentidos y significados en el moverse de los alumnos.

1. INTRODUÇÃO

Entendemos que o professor de educação física deve respeitar as diferenças culturais dos seus alunos, estabelecendo relações entre as vivências das práticas de movimento realizadas na escola e aquelas fora dela. Nesse sentido, a educação física é responsável tanto pelo *saber fazer* quanto pela construção do *saber sobre o realizar corporal*. (BRACHT, 1997).

Ao longo da nossa formação, nos deparamos com concepções acerca da importância da educação física na escola¹. Dentre elas, destacamos aquelas que respondem por um projeto de mundo, de sociedade e de formação humana preocupada com a compreensão dos alunos sobre o mundo que os cercam de maneira que eles possam efetivamente nele se inserirem como sujeitos.

¹ Tais como: a concepção desenvolvimentista (TANI, 1988), a concepção construtivista e sócio interacionista (FREIRE, 1991), a iniciação esportiva universal (GRECO, 2001), a concepção crítico superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), dentre outras.

Nesse sentido, optamos pela concepção crítico-emancipatória (KUNZ, 1991 e 1994) que aposta no desenvolvimento da competência de agir do aluno, criando uma maior autonomia no seu pensar e fazer, que possibilita uma melhor compreensão e (re) criação de novos sentidos orientadores do seu se movimentar². O movimento ganha importância quando se considera que o movimento corporal é uma forma de linguagem e, por isso, promove um diálogo dos sujeitos com o mundo (KUNZ, 1994).

Nesse trabalho, apresentaremos os princípios que orientam essa concepção e, em seguida, relataremos uma experiência com o ensino dos saltos numa turma de 3º ano do ensino fundamental em uma escola da rede particular de Contagem (MG), tendo como pressupostos formativos desenvolver a autonomia, a capacidade de pensar, agir e criar um novo universo de experiências relacionadas ao salto que não se restringissem ao ‘saltar mais alto, mais longe que meu colega’.

2. PRESSUPOSTOS BASILARES

De acordo com Kunz, na concepção crítica-emancipatória o aluno

Deve ser capacitado para sua participação na vida social, cultural e esportiva, o que significa não somente a aquisição de uma capacidade de ação funcional, mas a capacidade de conhecer, reconhecer e problematizar sentidos e significados, através da reflexão crítica. (1994:31)

Nessa concepção, o ensino do esporte é pensado na perspectiva de superar a competitividade, a seletividade e o adestramento do movimento humano características do esporte de rendimento que instrumentaliza o corpo e o movimento. “O corpo é entendido unicamente como um instrumento que, quando bem ajustado pode trazer bons rendimentos e o movimento é entendido apenas pela sua funcionalidade técnica”. (KUNZ, 2001: 25).

Para o autor, esse modelo de esporte é potencializado por instâncias geradoras de ideologia de dominação formando uma ‘segunda natureza’ de interesses e desejos do praticante, levando o sujeito a acreditar em interesses superficiais, reprimindo e anulando seus reais interesses. Nesse processo de divulgação e otimização dos sentidos orientadores do esporte de alto rendimento, a televisão é importante colaboradora.

Por isso falei anteriormente dos interesses, dos desejos e, pode-se dizer, também das convicções individuais que, nas sociedades atuais, pela excessiva influência da indústria cultural, dos meios de comunicação e dos ‘especialistas’ de todas as áreas, são ‘formados’ para os interesses ideológicos do mercado consumidor. (...) Quando um número de instâncias formadoras de consciência ideologicamente falsa age sobre uma mesma instituição, no caso o esporte, os agentes (no caso os participantes) podem se iludir sobre seus próprios interesses verdadeiros. (...) Assim, as instâncias geradoras de ideologia de dominação, conseguem formar nos indivíduos uma ‘segunda natureza’, formada de interesses, desejos e necessidades que não são mais resultado da natureza individual e social de cada um, mas são ‘formados’ pelas agências ideológicas (KUNZ, 1991: 26-27).

² O autor também nos chama a atenção para o significado presente nas práticas corporais. No processo de transformação didático-pedagógica dos esportes instaurado nas aulas de educação física devemos nos atentar para a reconstrução dos sentidos que norteiam o se movimentar dos alunos preservando-se os significados central das mesmas (KUNZ, 1994).

Neste sentido, ao reconhecer tal contexto, cabe ao professor no exercício de organizar o ensino dos esportes nas aulas uma possibilidade para reflexões, objetivando orientar seus alunos a pensarem e agirem por si quando nas práticas esportivas. O aluno deve ser orientado para problematizar sentidos que orientam as práticas corporais de movimento – neste caso, sobre o esporte – analisando-o criticamente. Compete ao professor, então, levar seus alunos a compreenderem os sentidos que tem servido de referência para eles ao vivenciarem as práticas esportivas. Ensinar esporte na concepção crítico emancipatória confere à educação física algumas características: uma pedagogia fundamentada na necessidade de criar possibilidades de outras vivências onde o aluno possa construir critérios para problematizar sentidos e significados presentes nas práticas corporais.

3. NOS DIFERENTES ESPAÇOS: EXPERIMENTANDO SALTOS

O autor identifica alguns sentidos que orientam a vivência das práticas esportivas na sociedade: a sobrepujança, as comparações objetivas (KUNZ, 2001). Diante disso, ele sugere que organizemos nas aulas de educação física situações de vivências corporais práticas que sejam orientadas por outros sentidos, sem que esta (outra) prática perca seu significado.

O mais importante nesta transformação é que enquanto o significado dos movimentos esportivos permanece, o sentido individual e coletivo (no caso de um grupo de aulas) muda. (KUNZ, 2001: 126)

Isto significa que

o professor deverá promover o ‘agir comunicativo’ entre seus alunos, possibilitado pelo uso da linguagem, para expressar entendimentos do mundo social, subjetivo e objetivo, da interação para que todos possam participar em todas as instâncias de decisão, na formulação de interesses e preferências, e agir de acordo com as situações e as condições do grupo em que está inserido e do trabalho no esforço de conhecer, desenvolver e apropriar-se de cultura. (KUNZ, 2001: 122)

Neste sentido o tema ‘saltar’ foi oferecido aos alunos de tal modo a possibilitar que os alunos pudessem mostrar, descobrir e registrar oportunidades de saltos, pátio da escola. Orientados por sentidos que não aqueles expressos no alto rendimento (de saltar *mais longe*, *mais alto* que o outro). Este pátio possui uma escada de acesso a rua, uma área azul com dois brinquedos de ferros (um balanço e um trezinho), uma quadra poliesportiva com duas traves de futsal e neste espaço havia ainda dois cones grandes de trânsito, duas latas de coletas seletivas e poças d’água que foram utilizadas durante a realização da tarefa.


Primeiro, propusemos uma caminhada pelo pátio para reconhecer e experimentar situações de salto. Depois a turma foi dividida em três grupos, cada grupo recebeu uma folha para desenhar e registrar as situações de saltos encontradas durante a exploração do pátio em um dos saltos descritos abaixo:



Salto em altura (para cima)



Salto em altura (para baixo)

 Salto em distância

Cada grupo deveria registrar três formas diferentes de utilizar o salto escolhido pelo seu grupo. A caminhada inicial foi realizada em grupo, mas grupos menores de vez em quando, se separava procurando novas experiências de saltos pelo pátio. As situações de saltos encontradas pelos alunos foram as seguintes: (a) *salto em distância*: uma poça d'água (água que correu para o pátio, tornando-se um dos instrumentos que convidavam o grupo a saltar); Um cone deitado, os alunos escolhiam o cone na vertical e outros escolhia o cone na posição horizontal, ambos deitados sobre o solo ; o colega deitado no chão veio outro e o saltou. (b) *salto em altura*: pular a escada (variando a quantidade de degraus); saltando muro dentro da escola; transpor o cone ou o latão de lixo. Em seguida todos vivenciaram as situações de saltos, criada por cada grupo e no final foi montado um circuito com as possibilidades de saltos criadas pelos mesmos.

4. CONTINUANDO A SALTAR

A prática realizada tornou-se inclusiva por permitir aos habilidosos ou não, a realização da atividade motivada pela auto superação e não pela superação do outro. Buscando possibilidades de ensinar o esporte de forma reflexiva, crítica e emancipatória, o papel do professor deve ser o de libertar o ensino de ilusões, interesses e desejos criados e construídos pelo aluno no meio em que vive (KUNZ, 1991). Dessa maneira o professor deixará de ser o detentor dos saberes, passando a mediador do conhecimento e tendo o aluno como co-construtor do processo ensino-aprendizagem, propiciando, assim, a conscientização e construção de uma compreensão mais elaborada das práticas corporais de movimento.

5. REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. In: SOUSA, Eustáquia S. e VAGO, Tarcísio M. **Trilhas e Partilhas**. Belo Horizonte: Cultura. 1997.

KUNZ, Elenor,. **Didática da Educação Física I**. Ijuí: Unijuí, 2003.

_____. **Educação Física - Ensino & Mudanças**. Ijuí: Unijuí, 1991.

_____. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 2001.

Bruno Augusto de Sales
Rua: Monsenhor Bicalho, 96
Eldorado - Contagem/MG
e-mail: profbrunosalles@yahoo.com.br

Maria de Lourdes Moreno de Castro
Rua: Cel. Bernardino, 243
Palmeiras - Belo Horizonte/MG
e.mail: lurdinha@uai.com.br